



# Carta de alforria de um caipira: quando a filosofia nos salva pelo exemplo

Hélio Alexandre da Silva

**Como citar:** SILVA, Hélio Alexandre da. Carta de alforria de um caipira: quando a filosofia nos salva pelo exemplo. *In:* CECON, Kleber; PEREIRA, Reinaldo S; MARQUES, Ubirajara R. de A. (org.). **Amizade e sabedoria:** Festschrift em homenagem a Antonio Trajano. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.17-39. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-567-4.p17-39>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# *Carta de alforria de um caipira: quando a filosofia nos salva pelo exemplo*

*Hélio Alexandre da SILVA*<sup>1</sup>

À memória de Maria Érbia Cássia Carnaúba; Herbert Barucci Ravagnani e Márcio Ricardo de Carvalho. Todos ex-alunos de Antônio Trajano.

*Vira e mexe eu penso é numa toada só.  
Fiz curso de filosofia pra escovar o pensamento,  
não valeu.  
O mais universal que eu chego  
é a recepção de Nossa Senhora de Fátima*

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da UNESP/Franca/SP/Brasil/ helio.alexandre@unesp.br.

*em Santo Antônio do Monte.  
Duas mil pessoas com velas louvando a Maria  
num oco de escuro, pedindo bom parto,  
moço de bom gênio pra casar,  
boa hora pra nascer e morrer.*

*Tabaréu, Adélia Prado*

Uma das formas de compreender o Brasil do início dos anos 2000 é enxergá-lo sob o olhar da esperança. Os ventos do começo do século espalhavam expectativas de transformação que, mesmo difusas, estavam ancoradas em algo até então inédito em nossa história: em um país dirigido, no mais das vezes, por uma elite majoritariamente torpe, escravista e subserviente, um trabalhador de fábrica, vindo da pobreza profunda do interior do nordeste brasileiro e com pouco acesso ao ensino formal chegava, através do voto e de eleições livres, ao posto político mais importante do país. Certamente, ainda por muitos anos, nossos intérpretes se esforçarão para dar nome e sentido ao resultado das eleições presidenciais de 2002.

Esse cenário, no entanto, não deve ser compreendido no registro de um amplo consenso progressista em que não havia espaço para críticas, inclusive por parte da esquerda, ainda que também não se deva perder de vista que aquele momento representou um dos nossos maiores avanços enquanto sociedade. De um modo geral, o resultado daquelas eleições nacionais pode ser visto, entre outras coisas, como fruto da organização política de amplos setores populares. Um dos principais diferenciais daquele momento estava na força dessa organização que era alimentada, de um lado, pelo fim do regime militar no final dos anos oitenta e, de outro, por certa fragilidade que algumas políticas de corte neoliberal já deixavam transparecer no final dos anos noventa. Eram tempos de grandes expectativas, particularmente para os jovens que pertenciam à mesma origem social do operário retirante que havia se tornado Presidente da República.

Começo com essa imagem um tanto generalista apenas para dar ao leitor e à leitora o pano de fundo que entendo ser decisivo para a história que pretendo apresentar aqui. Não me interessa avançar, nesse texto, em

debates de corte político institucional e em seus ricos e conflituosos desdobramentos. Aqui, o caminho será outro. Recuperar essa dimensão do que nos angustiava naquele começo de milênio é apenas um modo de oferecer a moldura que penso se adequar ao espírito daqueles tempos.

### *Mora na filosofia*

Julho de 2004<sup>2</sup>. Interior de São Paulo, inverno, muita raiva difusa, alegria genuína e alguma solidariedade alimentavam sonhos. Na moradia estudantil da Unesp, *campus* de Marília, o período de recesso das aulas era uma oportunidade que fazia daquele cenário o palco para a conversa entre estudantes que não passavam aquele período com as famílias, seja por escolha ou por falta dela. Por razões que não quero discutir aqui, em grande medida porque não saberia fazê-lo, os cursos de ciências sociais e de filosofia, mesmo para aqueles que não compunham seus respectivos quadros discentes, ofereciam as referências que davam a tônica das conversas. As preocupações com o futuro se misturavam com as exigências acadêmicas, e conversas longas eram costuradas pelas noites, por comida escassa e barata e acompanhamentos líquidos de naturezas diversas. Os motivos que nos empurraram para a universidade e nos reuniam ali eram, quase sempre, o que ajudava a alinhar uma prosa simples. Era um espaço de partilha de onde sempre brotava muita lealdade temperada com conflitos honestos e quase nunca amistosos sobre política, morte, família, sexo, religião, drogas, futebol, música e sonhos. Era um presente experienciado com profundidade e apaixonadamente cevado com o olhar no futuro, alimentado por uma esperança que, lá no fundo, ninguém sabia muito bem de onde vinha, mas desistir definitivamente não era uma opção. O que se tinha mais plenamente era o futuro. Tudo ajudava a dar sentido ao passado e a suportar, com algum gozo frágil, o peso do presente e seus desafios.

Em um desses dias de férias em que o tédio nos ameaçava, depois de três ou quatro copos de alguma bebida desconhecida, o tema da con-

---

<sup>2</sup> Essas elaborações sobre o passado tomaram forma ao longo de mais de dez anos de aprendizado fruto da convivência afetuosa e da cumplicidade profunda com Heurisgleides Sousa Teixeira. Foi com ela que aprendi a não ter medo das memórias e a lidar com o passado. A ela dedico esse texto.

versa foi a sedução. Interessava muito aos envolvidos nas conversas entender os motivos que faziam com que, dentre eles, alguns se entregassem, com certa paixão, aos caprichos da filosofia e das ciências sociais. Com certa frequência, era para lá que as longas conversas convergiam. Era ali que se alimentava a fidelidade e cumplicidade daqueles jovens. Nos dias de férias, entrecortados por interrupções vazias, pela curiosidade e pelo desejo, com histórias e intervenções se cruzando e a convivência sendo construída pouco a pouco no seu detalhe mais desimportante, o tempo passava e quase tudo parecia ser possível. Eram nesses momentos que a imagem do professor Antônio Trajano Menezes Arruda invariavelmente brotava como sinônimo de esperança e de vida exemplar.

Aqui vale uma nota: não se trata de olhar para nosso professor com uma devoção religiosa ou como quem enxerga alguém que se guiou pelos preceitos morais mais tradicionais e experienciou sua vida reproduzindo comportamentos já cristalizados. Talvez, nada seja mais distante do espírito compartilhado por Trajano. Conhecíamos quase nada da vida privada daquele professor, sabíamos pouco do seu passado para além dos estudos na Inglaterra e da escolha por construir sua história e sua vida acadêmica longe das nossas grandes metrópoles. A vida exemplar que enxergávamos nele era fruto de uma mistura de sedução, vinda de um pensamento fino e cuidadoso, e de uma abertura para a conversa descompromissada, algo que aproximava, inclusive e talvez especialmente, os espíritos mais tímidos e inseguros. Mesmo que seja comum a compreensão segundo a qual uma das formas canônicas de compreender o exercício rigoroso da reflexão venha junto com certo distanciamento das paixões, é preciso ressaltar que Trajano foi exemplo de um intelectual que jamais flertou com este tipo de rigor frio e indiferente. A imagem que tínhamos era de que seu pensamento era também paixão, afinal, alguém já nos disse que nada de grande no mundo foi realizado sem ela.

Nós, seus alunos dessa época, com a maturidade de quem tinha vinte e poucos anos, enxergávamos nele algo que misturava o cálculo de um arquiteto e a sabedoria das pessoas simples do campo. Para construir seus argumentos, o arquiteto filósofo respeitava o tempo. A reflexão metódica e profundamente rigorosa não se prendia à autorreferência ou ao vício

dogmático do apego às próprias ideias. Em sala de aula, Trajano parecia um súdito que, para mostrar sua fidelidade à razão, não se constrangia em emendar seu próprio raciocínio quando ele mesmo submetia seus argumentos ao escrutínio e à crítica. Um gesto de humildade absolutamente cativante (e raríssimo!!). A fleuma arrogante que, vira e mexe, passeia por nossa vida acadêmica, não era um vício reproduzido por ele. Mas, ao lado do rigor honesto e antidogmático, também havia um respeito pelo tempo do pensamento. Isso era notável, entre outras coisas, pela rebeldia desse comportamento que insistia em não se entregar ao tipo de louvor acadêmico que é medido pela quantidade de artigos e livros que se pode publicar em uma vida. Sua calma e delicadeza funcionavam como antessala do argumento bem colocado e bem construído. Era bonito. Ainda que não fosse convincente, era sedutor. Mas, nesse caso, era tão convincente quanto sedutor. E quem, no bom uso de suas faculdades, quereria resistir àquela mão estendida à reflexão livre e apaixonada?

Ainda que essa imagem do professor Trajano possa ser discutível ou mesmo acusada de excessivamente romântica, foi ela que ficou registrada na memória daqueles anos de graduação em filosofia marcados, em grande medida, pelos anseios juvenis de quem insistia em acreditar que vivíamos o momento adequado para superar, de uma vez, nossas mazelas sociais e políticas e as dores na alma que delas derivam.

O turbilhão um tanto imaturo de receios, medos, expectativas e utopias cevadas nas longas conversas durante as férias na moradia estudantil quase sempre encontrava guarida nas conversas que Trajano conduzia em suas aulas. Ainda que debates livres, sobre praticamente tudo, povoassem as escadarias da entrada do prédio de atividades didáticas e dessem vida ao *campus*, a experiência cotidiana alimentada na moradia estudantil, em particular nas férias, trazia algo de mais intenso e profundo, embora eu não saiba justificar exatamente por quais motivos. De todo modo, no mais das vezes, as disciplinas de Trajano eram oferecidas para o primeiro ano do curso de filosofia. Isso fazia com que seus alunos dos anos anteriores trabalhassem quase como propagandistas de suas aulas. Essa dinâmica se repetia a cada ano, assim como o espanto filosófico soprado nos espíritos dos ingressantes.

Naquele início de século, a mistura das aulas de Trajano com as angústias, expectativas e medos forjados e alimentados pela história de vida de cada um produziram efeitos muito distintos. Houve aqueles que, influenciados por suas aulas, seguiram as veredas do existencialismo e dos caminhos tortuosos da pesquisa sobre as promessas e as armadilhas da busca pela liberdade; outros que, enfeitados pelo seu carisma intelectual, encontraram na psicanálise e no pensamento crítico um caminho; outros tantos que temperaram o gosto pela política com os condimentos da insistência e da perseverança como meios para construir novas formas de vida; mas houve também aqueles que não souberam mais atribuir sentido aos estudos e abandonaram a filosofia em busca de outros caminhos.

Vale registrar ainda que, muito embora o ambiente fosse universitário, as preocupações imediatas de boa parte dos estudantes daquela época dirigiam-se ao trabalho. Havia uma configuração de classe marcada de forma clara, particularmente evidenciada, vale destacar, entre aqueles que residiam na moradia estudantil. Os estudos, para muitos de nós, eram um meio. Havia menos romantismo nas escolhas e mais preocupações com o que fazer com um diploma de filosofia em um país que, naquele momento, não incluía o ensino de filosofia, nem de sociologia, nos currículos dos ensinos fundamental e médio<sup>3</sup>. Com o tempo as coisas mudaram para muitos de nós, mas naquele momento havia uma preocupação em garantir meios de vida e, em certo sentido, fugir das próprias histórias. Uma das formas de compreender o que alimentava nossas vidas era o medo do futuro, a necessidade de trabalho, uma angústia indeterminada, incontida e mal equilibrada, a ansiedade pelo fim da graduação, as paixões iniciadas, o almoço coletivo de domingo, os amores terminados, os desafios da esquerda, a expectativa de entrar no mestrado, a falta de tempo, os sonhos e o depois. O depois era o porto seguro da imaginação.

Seria injusto, porém, insistir na tarefa de descrever o que a convivência com Trajano produziu em todos meus colegas de graduação porque os efeitos de suas aulas respeitavam, quase sempre, a diversidade das experiências e dos sonhos que cada um trazia consigo. Por isso, vou me permitir reunir aqui algumas notas da biografia de colegas, colhidas pela memória

---

<sup>3</sup> Esse quadro mudou por alguns anos, mas hoje o cenário, nesse particular, é o mesmo de vinte anos atrás.

e sem citá-los nominalmente, para dimensionar a relevância do professor Antônio Trajano para muitos de seus alunos daquele começo de século. O que me interessa mesmo é fazer um relato de biografias marcadas por diferentes experiências de vida, e como elas foram se conectando com o exemplo daquele professor que influenciou e alimentou a paixão pela filosofia que muitos de nós incorporou como dimensão das próprias vidas.

### *O que mais importa? entre o rural e o urbano*

*“O caso é que eu não posso fazer o tempo voltar; Sou um cocão sem chumaço que já não pode cantar;*

*Hoje eu vivo na cidade perdendo as forças aos poucos; Mas não consigo perder o meu jeitão de caboclo”*

Liu e Valdemar Reis

O ofício acadêmico ainda goza de algum prestígio, especialmente quando se considera não o discurso público sobre a profissão, mas a silenciosa autoavaliação dos próprios pares. Entre nós, professores universitários, há certa arrogância que eu desconfio que seja fruto direto de um indisfarçável desprezo social. Uma espécie de mecanismo de defesa, como poderiam dizer certos especialistas. Parece-me clara nossa profunda dificuldade de nos fazermos compreensíveis para além de um respeito miúdo, por vezes angariado pelo profundo e envergonhado desconcerto docemente constrangido e sedimentado por quem se dispõem a nos ouvir, embora demonstrem entender pouco daquilo que ouvem. Se é verdade que essa imagem pode ser demasiadamente exagerada e distorcida quando consideramos a sociedade brasileira, não parece ser possível negar que ela testemunha um fenômeno comum em grupos sociais com alguma relevância sociológica.

Uma parcela bastante representativa da comunidade de estudantes da Unesp de Marília no início dos anos 2000 era composta por filhas e

filhos de trabalhadores pobres, alguns deles vindos do meio rural ou de pequenas cidades que misturavam o urbano e o rural de modo orgânico. Estar sempre distante dos grandes centros, para essas pessoas, era uma forma de resguardar valores, comportamentos e tradições que se solidificavam com o tempo e contornavam a pouca influência dos modos vindos das grandes cidades. A constante mudança de lugar era um traço marcante que trazia algumas consequências no processo lento de construção daquele modo de vida que, de uma forma ou de outra, sempre produzia algum nível de espanto e grande estranheza nos espíritos modernos e metropolitanos.

Não é simples convencer uma pessoa da cidade, integrada ao sentimento de autopromoção, cultivado na complexidade, defensor do mérito, das luzes e divulgador convicto do bom uso da razão, de que a garantia da subsistência retirada do simples manejo da terra era uma forma razoável de viver a vida. Mas, como filhos e defensores de um simplório e bucólico espírito campestre, os membros dessas famílias, comumente, não almejam muito mais que isso, muito embora quando se aproximem de uma forma de vida mais urbana, pouco a pouco esse quadro comece a se modificar<sup>4</sup>. Mesmo em pequenas cidades do interior, esse espírito simples que mais não buscava senão garantir a própria sobrevivência, acabava por absorver gradativamente as esperanças de sucesso individual alcançadas pelo acúmulo de bens e isso, com o passar do tempo, o transformava radicalmente. O que surgia dessa mistura era um espírito híbrido que se equilibrava fragilmente entre uma defesa fervorosa da religiosidade difusa e uma racionalidade que operava na lógica de meios e fins; entre uma solidariedade tradicional e um individualismo urbano. Tudo isso era acomodado com algum sofrimento mitigado que se suportava na medida em que era apresentado como moderno.

É marca das grandes metrópoles funcionar como máquinas de moer gente simples e pobres. Mas o distanciamento, algumas vezes consciente e fruto de uma espécie de escolha pela reclusão, fazia com que alguns se envaidecessem de sua própria ignorância cuidadosamente cultivada. Se o que valia era o saber tido como sinônimo da razão utilizada nas grandes

<sup>4</sup> É o que mostra, por exemplo, trabalhos como: CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Todavia, 2023.

idades, a escolha deles era pela tradição porque só ela era capaz de afastar os males da civilização. É claro que essa escolha não era consciente. Entre o desconforto alimentado pelo medo do vizinho potencial assassino e o temor causado pelo medo dos fantasmas presentes nos causos contados pelos mais velhos, a escolha deles era pelo segundo. Atormentava muito mais, e era preferível que assim fosse, o medo do invisível e do místico alimentado pela devoção religiosa cega e obstinadamente sincera. O ladrão e o assassino não causavam tanto medo. A velocidade da faca e da cartucheira não haveria de falhar quando necessário e concorreria em igualdade de condições com a eventual destreza de um marginal produzido pela cidade.

Imerso nos horizontes daquela vida cultivada no campo, sem contato profundo com os modos modernos, os homens e mulheres dessas famílias mais pareciam com ermitões atrofiados. O espírito aventureiro e de conquista não era fonte de grande sedução. O que vigorava era uma simples economia de subsistência que mantinha contatos miúdos com a economia de mercado das grandes cidades. Escassos por escolha, esses contatos se davam, no mais das vezes, quando uma das filhas ou filhos ia até a cidade vender um frango caipira, ovos, verduras, um pedaço de porco ou de boi. Feita a venda, consumada a troca e adquirido o dinheiro para comprar o mínimo que na vida rural não se tinha, o que voltava a vigorar era a calma, a conversa mansa regada à cachaça; a prosa infinita sob à sombra das árvores; o ouvido apurado para o canto dos passarinhos que todos distinguiam por nome e precisão quase científica.

Naquele ambiente se crescia com a convicção de que a família era o início, o meio e o fim de tudo. Embora se cultivasse um sentimento muito amistoso entre os vizinhos, as famílias tinham seu núcleo de formação voltado para si mesmo. O que explicava, em grande medida, o fato que não era incomum notar pessoas com mais de cinquenta anos que viveram com os pais praticamente toda a vida. Elas eram marcadas, entre outras coisas, por não terem constituído um lar próprio, não terem tido filhos, mas também não terem estudado ou obtido trabalhos com algum nível de capacitação. Semearam e alimentaram suas vidas no emprego bruto da própria força corporal. Cuidar do período de velhice dos pais era, no mais das vezes, o que servia de justificativa para reprodução daquele ciclo de

vida voltado para o próprio interior, tanto no sentido geográfico quanto moral. Quando se tinha contato com formas de vida diferentes, como aquelas cultivadas pelas pessoas vindas do nordeste que, vez ou outra, apareciam por ali em busca de trabalho em grandes lavouras de café, era como se tivesse tido contato com imigrantes. Afinal, eram tratados como estrangeiros. Havia inclusive grandes dificuldades de compreensão graças aos diferentes registros regionais de comportamento e de fala, tanto dos *da terra* quanto desses *forasteiros*. Certa vez, perguntado se havia tido entre os membros da família algum estrangeiro, o avô disse que uma tia distante havia se casado com um baiano.

O avô era desses gurus que são empregados de grandes fazendas, relativamente respeitado quando o assunto não era finanças. Exímio contador de causos um tipo falante, com palha, fumo e canivete sempre à mão, cheio de certezas e conselhos prontos para orientar e melhorar a vida de qualquer vivente. Sobre todo e qualquer problema ele possuía uma receita infalível. Essa última virtude ele deixou como grande legado, sua deliciosa herança para os descendentes. O que vinha dele não se contestava e não se emprestava: incontestável e *imprestável*. Viver e crescer como parte integrante dessa cultura certamente contribuiu para a fermentação de um sentimento ambivalente sobre ela. Prazer e orgulho se misturavam com certa revolta e desespero. Era sofrido e estava além dos limites do possível imaginar algo que rompesse aquele círculo curto. Nessas circunstâncias, o espanto, tantas vezes mobilizado nas aulas de Trajano como característica eminentemente filosófica, não brotava naquele mundo caipira de reafirmação das tradições e comportamentos. O sabor de quase tudo estava na repetição.

### *Severinas vidas caipiras*

*“Todas às vezes que me chamam de caipira é um carinho que recebo de alguém.*

*É uma prova que a pessoa me admira e nem calcula o prazer que a gente tem.*

*Doutor, agora nós já somos bons amigos; Vamos comigo, conhecer o meu além;*

*Para dizer que sou caipira na cidade, mas lá no mato eu sou um doutor também”*

Geraldinho e Goiano

Saber-se caipira era ao mesmo tempo libertador e triste. Essa parece ser uma forma razoável de pintar o que floresceu de uma daquelas famílias que viviam entre o campo e a cidade. Ela sempre foi um solo fértil para tudo, seja para alimentar as desgraças comezinhas ou para dar vida aos dramas do cotidiano. Mas ali também havia verdade, pouco choro e muito ranger de dentes. O sorriso diário quase sempre era forjado com suor e às vezes com sangue, mas estava sempre presente para sufocar a dor que renascia todo dia. Um sorriso dolorido que mostrava uma dor majestosa, vistosa e adornada com flores de plástico. Uma beleza! Naquela família materna que irradiava sonhos para todos os lados, o trabalho sempre foi um dever moral. Sim, o trabalho era símbolo maior de dignidade, não a reflexão que busca algum rigor. Não, não eram apenas sonhos realizáveis. Apesar dos passeios oníricos, a vida cotidiana insistia em sugar todos para a realidade, dia após dia, cada um desses personagens de si mesmos, sem exceção. Às vezes, é melhor insistir no errado pra dar certo, dizia o avô.

De fato, não é incomum encontrar os grandes sonhos mergulhados na experiência das maiores misérias. Sabe-se lá Deus o porquê, mas em alguma esquina da vida a esperança é sempre realimentada pela aridez fértil do sofrimento. Talvez isso seja natural. Há até quem chame isso tudo de utopia. Vocábulo graúdo e charmoso que intelectuais atribuem para uma coisa ainda um tanto confusa. Parecia haver uma tendência que fazia com que quanto mais profundo fosse o mergulho no lodo viscoso do sofrimento, mais ele era alimentado por uma insistente esperança jovial que se renovava. De cada conta sem pagar, de cada fatura vencida sempre brotava a expectativa que se concretizava na fé transferida para os jogos na loteria. Essa aposta tinha a milagrosa capacidade de projetar e realimentar, mais uma vez, a esperança da redenção final que vingaria, para sempre, todas

as tristezas. De cada anúncio de demissão de um subemprego precarizado, nascia a esperança de um dia ser patrão, ter empregados e ser dono do seu próprio negócio. A decepção cotizada era vivida quase como se nada fosse. Era um fantasma que causava certa paúra, mas como sua causa parecia invisível ou indiscernível, não havia muito remédio senão o sonho difuso e repetidamente adiado. As desgraças cotidianas funcionavam como esterco. Adubavam a esperança de uma vida redimida e menos sofrida. Amiúde e insistentemente, enquanto a esperança da redenção era apenas uma esperança, o que se servia no almoço era a marmita requeitada preparada de véspera. Embora naquela família sonho nunca faltasse, a realidade sempre fazia questão de também mostrar seus dentes e, como de praxe, a face que ela apresentava era o mais completo avesso dos sonhos diariamente regados pelos programas de televisão dominicais.

Repetiam tudo. Repetiam o gesto de produzir caricatura, de fazer troça de toda e qualquer coisa. Repetiam as falas, os modos, as piadas, as reações que performavam um conjunto previsível de atitudes que se retroalimentavam infinitamente. Tudo era simplesmente motivo de piada. O sofrimento produzia o riso de canto de boca ou a gargalhada pseudo-libertadora. Embora não se duvidasse que a alegria fosse genuína, ela não deixava de trazer uma ingenuidade infantil, tosca e de gênero bufão. Mesmo entre os membros da família, alguns deixavam-se pisar por outros com um fatalismo resignado de causar inveja ao Cristo. A trapaça grosseira a qual se foi submetido ontem era quase sempre a repetição pálida da trapaça sofrida anteontem. E isso se sucedia ao infinito como um ritual masoquista. Incomodava, no entanto, a incapacidade de perceberem o lado sombrio e árido daquilo tudo, o que predominava era uma espécie de banalização romântica das dificuldades. Finalmente, tudo resultava em um círculo vicioso semelhante à ave cega que se sente acuada entre espinhos: quanto mais se debate, mais se percebe inapelavelmente presa. Como consolo, a repetição e o riso sempre fácil afastavam as agruras para o dia seguinte.

Talvez não seja exagero dizer que aqui o exemplo do pensar lento, rigoroso e apaixonante de Trajano pudesse ter algum lugar. Seu carisma possivelmente produziria alguma fricção criativa naquele mar de repetição. Talvez.

Também havia sonhos, mas sem a porção vivificante que impulsiona o espírito para a criação e para o novo. Novidade era causa de estranhamento e sinal de impertinência. Era um sonhar com sabor de vigília. A alegria sempre aparente era a forma de postergar o dia de amanhã quando seria cobrada a fatura do riso de hoje. Para os amigos, que viam tudo mais ou menos de fora, esse modo de vida era curiosamente convidativo, acolhedor e atraente. Mas a alegria que entorpecia era só mais um sinal de que o encontro com a realidade estava sempre adiado. A dureza febril da vida ressecada sempre batia à porta e com ela entrava o desespero da falta. Faltava de tudo um pouco: dinheiro para pagar as contas, lucidez para reconhecer as carências, rumo para sair do buraco, raiva para pensar no hoje, crítica para entender as razões da falta, mas troça e riso não faltavam. Até nisso eram repetitivos. Um círculo que fechava o curto circuito de uma dialética mambembe, sem síntese nem expectativa de superação. Não havia farsa, só repetição. Enfadonho, mas alegre, ou, talvez, enfadonho ainda que alegre. Ali não se encontrava em ninguém o apego a ideais absolutos, tampouco a preconceitos inflexíveis. Conviviam o espírito de confraternização e a competição, a solidariedade, a tristeza, o riso e o sofrimento. O que resultava desse *amálgama arlequinal* era um tipo contemporizador e dotado de uma religiosidade longamente arrastada e cozida em fogo brando. Uma espécie de ingenuidade dogmática e exótica. Tudo se passava como se ninguém fosse capaz de olhar para si mesmo como produto de uma forma particular de organização social. A vida era como o cumprimento de um destino irreversível contra o qual qualquer manifestação de revolta ou rebeldia não passava de pastiche. Uma pantomima que ajudaria a despertar o momento pavoroso do riso que sempre estava à espreita. Era esse o pano de fundo da vida cotidiana, passiva e resignadamente aceito festejado com a monotonia das trilhas sonoras das festas de fim de ano das empresas durante a troca de presentes do amigo secreto.

Essa era a família materna. A família paterna era a sombra de uma imagem distante que ganhava contornos mais concretos duas vezes por ano. Além das conversas domésticas sobre a vida alheia, uma visita no dia das mães e outra no natal era tudo que se tinha para evitar grandes injustiças no julgamento. A tia dos presentes e boa cozinheira, a tia que

lutava contra a balança, o tio alto astral e sua esposa, a avó doce e de voz mansa, o avô meio surdo, uma prima e um primo mais velhos compunham os pontos que teciam a sociabilidade construída ali.

O convívio maior com a família da mãe não era uma escolha, mas uma contingência, um acaso criado pelo fato que a família do pai não morava na mesma cidade. A convivência cevada a cada visita dominical repetida com abnegação sacerdotal criava uma proximidade e cumplicidade que rapidamente tornava a vida entre eles algo mais íntimo e natural. Entre aqueles que compunham a família da mãe, tudo era mais próximo, para o bem e para o mal, como qualquer convivência que dure o tempo de uma família. Esse tempo das emoções vividas e divididas, das conquistas partilhadas, dos sofrimentos cotidianamente repisados, das alegrias anarquicamente irradiadas. Essa experiência íntima, embora nem sempre intimista, criou laços úteis que se sedimentaram com o passar dos anos. O tempo da cristalização dos laços de convivência foi algo produzido apenas com os parentes maternos, essa certamente é a principal razão que fez com que as experiências com a família paterna tenham sido escassas e menos marcantes. Provavelmente este seja apenas mais um indício de que a geografia construída pela frágil mobilidade social influencia decisivamente a experiência de vida de uma pessoa, mas esse seria assunto para especialistas dentre os quais, talvez, Trajano encontrasse alguma guarida. A escolha pela vida interiorana, que foi também a de nosso mestre, nem sempre traz as mesmas angústias, compensações e desafios que a vida que se vive no interior por falta de escolha.

### *As periferias das cidades do interior*

*“No centro da sala, diante da mesa*

*No fundo do prato comida e tristeza.*

*A gente se olha, se toca e se cala, e se desentende no instante em que fala”*

Belchior

No ano de mil novecentos e oitenta e seis, uma casa de dois cômodos sem pintura e sem reboco, com laje e sem telhas, com portas de ferro e sem vidro, e um banheiro sem azulejos e sem porta foi a primeira casa que o casal e seu filho pôde chamar de própria. Erguida quase que totalmente pelas mãos do pai e de um tio materno, embora com ajudas esporádicas e bem vindas de outros membros da família. A casa tinha o formato de um caixote retangular partido ao meio. Durante sua fase final de construção, a família foi morar com os avós maternos para economizar o dinheiro do aluguel e investir naquilo que foi, e em grande medida ainda é, um dos sonhos maiores das famílias de trabalhadores pobres desse país. Ter um emprego e um endereço era tornar-se socialmente visível. Era o que tornava possível deixar brotar uma fagulha de orgulho. Para um trabalhador que preenchia quase metade do seu dia com um ofício dilacerante, ter uma casa era como ter acesso livre às portas do paraíso.

O bairro onde a casa foi construída não possuía os requisitos mínimos para habitação, não havia saneamento básico ou água encanada, as ruas perfaziam grandes estradas de terra que se transformavam em barro quando chovia. Havia luz elétrica, mas não iluminação na via pública. A casa ficava no penúltimo terreno de uma rua que estabelecia o exato limite entre a zona urbana e a zona rural, de modo que ser acordado por cavalos, vacas, patos e galinhas era uma experiência extremamente comum; havia também gatos e muitos cachorros com quem se convivia com alguma naturalidade. Essa situação limítrofe entre indícios tímidos de urbanidade e uma cumplicidade profunda com a vida rural ajudava a construir um modo de vida que, em alguma medida, era a marca da periferia de cidades do interior de São Paulo no fim dos anos oitenta do século vinte. As bezenes da urbanização, assim como seus problemas, são sempre fenômenos tardios na vida das periferias. Em pouco tempo, a rua que tinha poucas casas tornou-se quase que totalmente preenchida por outras construções que, em poucos anos, transformou a paisagem do bairro dando a ele alguns traços de urbanidade. A água encanada e o saneamento básico chegaram em alguns anos. A pavimentação das ruas foi algo que demorou um pouco mais, de tal sorte que todo morador tinha uma história para contar de quando atolou os pés no lamaçal que se formava após as chuvas.

O ponto de ônibus mais próximo ficava a três quarteirões da casa, algo em torno de uns oitocentos metros. Quando chovia e a lama se formava, chegar até o ônibus tornava-se uma experiência épica. O guarda-chuva era acessório obrigatório, embora insuficiente. O problema não estava exatamente na água que caía do céu, mas na água que se empoçava no chão e se misturava à terra fofa e avermelhada formando um líquido denso que falsamente se estabilizava e traía os moradores desatentos. Para evitar desgosto inesperado, durante as chuvas, se fosse necessário sair de casa, era prudente se armar com sacos plásticos na cabeça, no tronco e principalmente nos pés, além do guarda-chuva. A eficácia desse tipo de armadura era medida pela sua capacidade de evitar que os calçados ou chinelos fossem tingidos de barro. Pular as poças de lama era, para as crianças, uma experiência de filme de aventura de sessão da tarde. Havia uma alegria inocente, breve e indisfarçável naquela situação. Já os adultos, particularmente as mães, a maioria já despedidas pela vida de qualquer espírito lúdico, atormentavam-se por ter que dividir sua atenção entre os filhos e um pé de sapato que traziam nas mãos e que era um objeto comum entre as mulheres da periferia. Naquela cidade marcada pelo acúmulo de indústrias de calçados, a costura manual de sapato era, e hoje, embora em menor medida, ainda é uma das formas de trabalho precário que ajuda na renda familiar sempre insuficiente para prover o mínimo.

As mulheres quase sempre estavam com os filhos por perto e um pé de sapato nas mãos, que elas costuravam enquanto andavam. Peripatéticas da periferia, cujo trabalho não era exatamente ensinar, embora mantivessem, como seus antecessores gregos, a extravagância nos gestos e nas expressões. O trabalho dessas mulheres mães consistia basicamente em unir uma peça maior do sapato, o *cabedal*, a uma peça menor, a *pala*. A junção dessas duas peças se dava por intermédio de uma agulha fina que trazia uma linha grossa que perpassava os buracos dando formato ao sapato que passaria por outras fases de produção até o acabamento final. Essa costura, que quase sempre era um trabalho para mulheres e crianças, podia ser feita através de vários tipos de pontos, os mais comuns eram xis, chuleado, gominho e o ponto cruz. Impressionava o desfile da habilidade e da destreza que essas trabalhadoras e mães, em ato contínuo, costuravam o

sapato, caminhavam e conversavam sobre amenidades. Se o caminho a ser percorrido fosse longo, era comum carregar no antebraço uma sacola com dois ou três pares de sapatos para aproveitar todo o tempo da caminhada. Assim, quando terminada a costura de um pé era possível tirar outro da sacola para continuar a tarefa mecânica e disciplinarmente cumprida. O caminho de casa para o ponto de ônibus era, com frequência, preenchido por um ponto no sapato e uns tapas na nuca do filho desatento para que ele prestasse atenção na rua e não se sujasse na lama. Essa era uma visão comum daquele bairro, pequenos grupos de mulheres e crianças que dividiam seu tempo entre conversas sobre os acontecimentos ocorridos na vizinhança ou no capítulo do dia anterior da novela e a costura manual dos sapatos. Tudo isso era estimulado com quilos de sonhos e pitadas ralas de revolta morna e difusa.

É curioso, embora um tanto revoltante e melancolicamente lamentável, notar o quanto a dureza e a aridez provinciana que se acumulavam no dia a dia de uma família pobre de trabalhadores que moravam nas periferias ajudava a formar uma espécie de pedagogia sociofamiliar da desgraça. Um tapa desnecessário aqui, um grito e um safanão público acolá, de constrangimento em constrangimento se endurecia o espírito daqueles moleques que, mais tarde, deixariam de apanhar dos pais para apanharem da polícia, algumas vezes, com o aval dos próprios pais. A grosseria, rudeza e ignorância, por vezes tidas como sinais de maturidade, ajudava a forjar pouco a pouco uma moralidade em que a violência doméstica brotava como consequência comum, seja contra as mulheres ou contra as crianças.

Não importa para o convívio cotidiano se a violência é produto de uma vida experienciada pela democratização das múltiplas formas de carência. Quando se nasce imerso no ambiente de pobreza e escassez extrema, a violência é vista como natural ou como produto da bestialidade e estupidez de um indivíduo particular. Todos os olhares se voltam para o efeito produzido, pouco importam as causas que contribuíram para seu surgimento. Assim, fecha-se outro círculo de carência brutal que é próprio da vida na periferia. Quando apanhar se torna um hábito, a brutalidade tornada comum passa a ser sinal de correção comportamental. O barbarismo ao qual a vida da mãe está exposta se explicita enquanto ela trabalha, com sapatos

nas mãos, caminhando para tomar o ônibus. O mesmo barbarismo e brutalidade é transmitido à prole quando a mãe corrige os passos do filho para evitar a lama formada pela chuva que cai na rua sem pavimento. Nesse momento, a ausência do Estado se funde com a falta de paciência da mãe, e o que se vê é violência em estado bruto. As minguadas condições de vida produzem sutilmente, com um ato excessivo aqui e outro ali, um redemoinho de desgraças coletivas que atraem para seu centro todos que estiverem por perto. A fragilidade individual produzida pela carência material invariavelmente conduz à penúria e responsabiliza aqueles que sofrem. Diante desse circo semi-trágico, as drogas e a Igreja eram saídas sempre à mão. O sofrimento agudo e sistemático parecia neutralizar a rebeldia, o espanto e a curiosidade que Trajano nos apresentaria anos mais tarde. Nessa espécie de subterrâneo social, as sutilezas do pensamento eram assassinadas aos poucos, sem gritos nem manchetes nos jornais da hora almoço.

A convivência entre os moradores do bairro era algo no mínimo heterodoxo. Alguns sinais distintivos marcavam as famílias, essa em particular era simples e pequena, pai, mãe e filho. O irmão só nasceria quatro anos mais tarde. Mas frequentar algumas famílias não era recomendável, havia um receio de que conviver com certas companhias pudesse desencaminhar o filho. No entanto, para além da censura e dos infinitos avisos de alguns pais e mães, ali não havia segregação, todos se frequentavam em maior ou menor medida. Se entre os adultos havia certa relutância e um esforço, ainda que tímido, de manter distância daqueles que tinham “má fama”, especialmente aquela produzida por envolvimento com polícia causado por deslizes cotidianos da vida da periferia, entre as crianças e os jovens o intercâmbio era pleno. Por inocência, por necessidade de pertencimento ou pela obviedade de tratar-se de crianças e jovens, o que importava de fato era que a vida feliz se dava na rua. Nessa idade de seis, sete, oito anos, praticamente todo o dia após a escola ou antes da escola, para os que estudavam à tarde, a vida era a rua.

Esse era o ambiente mais prazeroso, lúdico e democrático que a vida naquele bairro propiciava. Era na rua que tudo acontecia, tudo mesmo. Lá era o espaço da plenitude da experiência dos amores e do sexo precoce, do lúdico, dos planos futuros, dos sonhos e das frustrações, do acesso comum

às drogas, das conversas que invariavelmente tinham a violência como mote (Quem comprou a arma de quem? Quem fugiu da cadeia? Quem jurou matar quem e por quê? Quem matou quem? Quem deve o quê pra quem?). Esse denso caldo era sempre temperado pelas espertezas, vaidades, verdades e mentiras da religião, especialmente o catolicismo e o protestantismo evangélico, formas hegemônicas de expressão religiosa naquele tempo e lugar. Todas as demais manifestações religiosas eram desprezadas, demonizadas ou tomadas como caricatura, o que não deixa de ser mais uma fonte de mal-estar subterrâneo. Mas o que causava a maioria das alegrias e tristezas, e as desavenças de modo particular, eram os jogos de futebol entre o time da rua de cima e o da rua de baixo. Quantos talentos foram enterrados nos jogos em campos de terra batida! Talentos para tudo, para o jogo de futebol propriamente dito, cuja habilidade notavelmente estava nos pés, e talento para a prática de outros esportes cujas habilidades fundamentais estavam nas mãos como o boxe, a luta livre e as artes marciais em geral. Esses últimos eram praticados, geralmente, no momento das desavenças que eram parte incontornável daquele cenário ao mesmo tempo trágico e romântico. De verdadeiramente cômico não havia quase nada.

Olhar para aquela cidade através dos olhos da periferia significava enxergar uma sociedade sem sutilezas. Um lugar sem meios tons e sem acordes dissonantes. Uma cidade de notas fortes, rígidas e ríspidas, sem espaço para nuances, fragilidades, modulações ou entretons. Tudo era árido, duro, retesado e oco como se espriasse pela cidade o espírito ordinário e instrumental das máquinas que produziam os sapatos que era o alicerce de sua alegada riqueza. A força da indústria produzia tudo em série e padronizado conforme exigia a simetria da modernidade, que tardiamente chega, quando chega, nas periferias e cidades do interior. Não havia ali espaços para o semitom, para dúvida e incerteza criativa, para sustenidos e bemois. A música cotidiana que brotava daquele tempo era um amontoado de refrões que se repetiam infinitamente, *ad nauseam*, como a esteira da linha de produção de uma fábrica qualquer que gira com lentidão, ininterruptamente, por mais de oito horas diárias. A pobreza ali não era extrema e paralisante, não se morria de fome, mas ela era grande o suficiente para minuar a esperança e limitá-la a um horizonte curto, raso e com expectativas

eternamente superficiais. A estética da pobreza, pra quem vive nela, não tem nada de sublime, nem de artístico. Quase sempre é pura dor que dói de forma lenta e suportável, disciplinadamente aceita, sem reação. Nem o choro é libertador. É contido, baixo, silencioso, com poucos soluços e poucas lágrimas. A rotina do sofrimento a conta-gotas, decantado dia após dia, embotava a autenticidade do riso e da alegria. É como se a possível sumptuosidade das cores da vida boa se decantasse em uma aquarela de tons pastéis, pouca vivacidade e uma sensação profunda de vazio permanente. O brilho nos olhos, a pupila dilatada e o sorriso fácil só vinham com o fogo produzido pela fumaça que, quase automaticamente, era vinculada à ilegalidade, à marginalidade e à rebeldia. Aliás, a rebeldia era uma característica maior do professor Trajano, ainda que exercida em espaços menos hostis e dramáticos que aqueles brevemente relatados aqui. De todo modo, mesmo que experienciada em diferentes registros, a rebeldia se identifica quando seus portadores frequentam os mesmos espaços.

### *Um brinde às contradições: a alforria vem das elites*

*“O pior dos temporais aduba o jardim”*

Sérgio Sampaio

A dureza desse cenário dificilmente seria superada, mesmo que parcialmente, sem a efetividade de políticas como aquelas que mantêm o funcionamento e a gratuidade do ensino superior público. Mesmo que aceitemos que a sociedade brasileira não tenha sido capaz de democratizar o ensino público de qualidade, ele ainda pode ser espaço de disputa que torna possível mudar histórias de vida e produzir encontros entre intelectuais, como Antônio Trajano e filhos da classe trabalhadora das cidades do interior do Brasil.

Na manhã do dia quatorze de março de 2002, o telefone tocou. Era uma voz desconhecida que trazia uma informação em uma linguagem com sinais de formalidade pública. Era um comunicado que exigia uma resposta

breve porque o interesse, talvez os sonhos, de outros estavam em questão. Tudo resumido, tratava-se de uma informação sobre a possibilidade de assumir um lugar, fruto de vaga aberta em terceira chamada, no curso de filosofia da Unesp, *campus* de Marília. A esperança na possibilidade de receber essa chamada telefônica era quase nula. O resultado do vestibular, como mais ou menos esperado, tinha sido sofrível, um quinquagésimo nono lugar em um curso que oferecia trinta e cinco vagas. Para que a lista de espera chegasse ao quinquagésimo nono lugar seria necessário contar com a desistência de vinte e quatro candidatos. No mundo de quem acordava às seis da manhã para começar a trabalhar às sete em uma fábrica de sapatos que reunia, em um só fôlego, cheiro de cola, pó de borracha, martelo em fôrma quente e brutalidade, não havia justificativa capaz de tornar essa esperança algo razoável. Pensando melhor, talvez houvesse, mas não vale muito remoer uma vez mais os entulhos para procurar de onde ela poderia brotar. O telefone tocou e o interlocutor do outro lado fez o anúncio.

A hora do almoço foi o momento em que a notícia foi dada ao destinatário sem absolutamente nenhuma cerimônia, mas com alguma curiosidade. Não havia tempo para retornar a ligação naquele momento. A conversa poderia se alongar e a prudência ensina que não se troca o certo pelo duvidoso. Demorar-se ao telefone e perder a hora do retorno ao trabalho poderia significar perder o direito sagrado de sofrer com carteira assinada, salário mensal e décimo terceiro. Era preciso retornar ao trabalho. A tarde durou o tempo da borbulha insana dos desejos, sonhos, raiva, frustrações acumuladas, medos e algum desespero. Havia esperança também. O relógio de ponto marcou cinco horas e quinze minutos. Soou o alarme, mas a fila para picar o cartão estava imensa. Era comum ficar atento ao relógio de ponto minutos antes do horário da liberdade provisória. Assim era possível antecipar-se para marcar o ponto e não ter que esperar na fila dos que iriam descansar depois de ter deixado parte de si mesmo naquele chão cinza. Mas dessa vez não foi possível antecipar-se. Havia uma fila e era preciso esperar a vez. Cartão na mão, olho fixo no relógio de ponto. Marcação feita, ponto registrado e a porta aberta para o descanso insuficiente, mas desejado. Bicicleta retirada do bicicletário, olho no pedal antes de olhar o portão. Antes da primeira pedalada um gesto mecânico para alguém sem rosto. As

imagens daquelas pessoas se misturavam entre diabolicamente sofridas e indiferentes. Tinha alguns risos que apareciam entre frases preconceituosas embrulhadas em algum consentimento. Foi o último dia dentro de uma linha de produção de uma fábrica de sapatos.

Quinze minutos depois, já em casa, telefone na mão e o suspense de uma vida. Coração acelerado sem nem sequer saber exatamente a razão de tamanha ingenuidade. Não era razoável imaginar que vinte e quatro pessoas abandonaram a possibilidade de entrar em uma universidade pública. O que poderia ser melhor do que estudar em uma universidade gratuita e com direito a alguns auxílios sociais em dinheiro? Ligação feita. Atendeu uma voz feminina. Perguntou por dados pessoais e, em seguida, explicou que a lista de espera para o curso de filosofia da turma de 2002 da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília havia chegado até o candidato número cinquenta e nove. Se houvesse o interesse pela vaga, aquele era o momento de dizer o *sim*.

Sim!!!! O mundo ficou indecifrável. Uma explosão de futuro e um grito que poderia ter sido dado, mas ficou contido. Por ali o comum era não exagerar nas emoções. Telefone desligado e *Domingo no Parque* tocando naquela cabeça que não sabia o que fazer. Tanta coisa poderia ter sido dita naquele momento, tanto sentimento poderia ter sido demonstrado, tanta frustração redimida, tanto rancor arrancado de uma vez por todas. Mas a prudência e a diligência que a maturidade dos vinte e um anos sempre trazem, conteve o exagero. Afinal, até então só havia uma informação oficial e uma esperança com alguma expectativa de realização.

No outro dia era preciso pedir as contas com algum orgulho. Houve deboche dos colegas que pensam mandar, mas que têm seus espíritos despedaçados pela necessidade de garantir o próprio sustento. Os que ocupam cargos de administração ou gerenciamento são seduzidos pela falsa proximidade com o poder, e esmagam sob seus pés os funcionários rasos do chão da fábrica. Aquele momento foi uma desforra, morna e insegura, mas foi.

– Quero minhas contas porque vou estudar na Unesp.

– Hein? O que você está falando?

Manter o pedido com alguma altivez e arrogância foi uma alegria. Curioso mesmo foi notar como era difícil manobrar aquele fio de arrogância. Quando se é treinado no exercício cotidiano da submissão, são tronchas as tentativas de manifestar alguma empáfia. Tudo vira pastiche e motivo para vergonha.

Os primeiros dias de universidade foram um misto de encantamento e novos desafios. O futuro aos poucos ganhava o peso do cotidiano presente. Outros sonhos, outras esperanças, outras expectativas.

E aqui o professor Trajano volta à cena, ou melhor, aqui ele entra realmente em cena e, com voz baixa e um pouco trêmula, começa a ministrar o curso de “Filosofia geral e problemas metafísicos». O primeiro sentimento era de perplexidade, certamente sem nenhuma reflexão de fôlego sobre o que isso poderia significar, mas o espanto estava ali. A sensação de que havia um novo mundo a ser descoberto tomava conta daquela alma recém liberta. Com o tempo, Trajano foi nos ensinando o quanto era saboroso o esforço de querer pensar com rigor.

A universidade pública e suas políticas de permanência ajudaram a reconstruir um sentido para vidas que, até então, só encontravam motivos na busca direta e insana pela sobrevivência. Nesse cenário, muitas pessoas foram imprescindíveis, entre elas, os colegas de curso e de moradia estudantil, professores e funcionários da Unesp. Contudo, o espírito filosofante e jovial, acolhedor e rigoroso, rebelde e cuidadoso de Trajano foi a assinatura simbólica em uma carta de alforria que, pelo exemplo incorporado na dedicação e seriedade com o trato e o fazer filosófico, tornou-se um marco inesquecível.

Quando as demandas do cotidiano cobram sua fatura, sempre é um bom refúgio lembrar que a humildade e a generosidade, aliada ao trabalho sério e rigoroso com a filosofia será sempre um caminho a ser seguido. A trajetória profissional do professor Antônio Trajano Menezes Arruda é um testemunho de que a filosofia pode nos salvar pelo exemplo.